

O Fotógrafo e Seu Mundo Mimetizado¹

Larissa Marinho de OLIVEIRA²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo abordar a questão do fotógrafo como produtor de sentido utilizando o conceito de mundo individualizado definido por Maurice Merleau-Ponty em seus estudos sobre a fenomenologia da percepção; além de discutir a mimese dentro da cultura da produção fotográfica usando os conceitos de Gebauer & Wulf.

PALAVRAS-CHAVE: fotógrafo; produção de sentido; fenomenologia; mimese.

INTRODUÇÃO

A palavra fotografia surgiu do grego e significa ‘escrever com a luz’. Durante séculos a sociedade progrediu com muita dificuldade em terrenos desconhecidos, pois, para se obter informações de um novo lugar, era necessário se deslocar para aquele espaço. Mas após a Revolução Industrial e com o advento da fotografia, essas fronteiras se estreitaram e foi possível revelar culturas e hábitos, antes desconhecidos e inacessíveis, à uma grande parcela da sociedade.

Depois de muitos séculos aperfeiçoando técnicas, a fotografia foi criada por Nicéphore Niépce após ter conseguido fixar a imagem vista pela câmara escura em uma placa embebida em cloreto de prata. Em 1839, esta invenção foi oficialmente registrada por Louis Daguerre com o nome de Daguerreótipo, em sua homenagem.

Atualmente, vivemos numa sociedade pós-histórica que deixou para trás a linearidade da escrita e as imagens tradicionais para se transformar no universo das imagens técnicas. Com isto, houve uma mudança no nosso modo de conhecer. Agora, são as imagens que assumem o papel de portadores de informações. E mais do que isso, elas não são mais tridimensões captadas em superfícies planas bidimensionais, agora

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Mestranda na Pós-Graduação em Estudos da Mídia/UFRN - e-mail: lamarinho@gmail.com .

foram transformadas em zerodimensão, na “escada da abstração”, construídas com pontos e pixels. Vilém Flusser (1998, p. 11) vai mais afundo ao explicar que:

É com a fotografia que se inicia, portanto, um novo paradigma na cultura do homem, baseado na automatização da produção, distribuição e consumo da informação (de qualquer informação, não só da visual), com consequências gigantescas para os processos de percepção individual e para os sistemas de organização social.

Essa percepção, da qual Flusser comenta, foi amplamente estudada por Maurice Merleau-Ponty em seu livro "Fenomenologia da percepção". A palavra percepção vem do latim *perceptio* e é o ato de sentir o mundo através dos órgãos do sentido (MARCONDES FILHO, 2014, p. 375). Para Ponty, cada pessoa é única, pois cada uma tem o seu próprio mundo formado por experiências únicas vividas pelo seu corpo por meio dos órgãos do sentido. Ninguém vê algo como você vê e ninguém sente algo como você sente, portanto as marcas de experiência deixadas em cada indivíduo são únicas e singulares.

Essa visão de mundo singular também se encaixa no conceito de mimese, sendo que este funciona como uma reelaboração das ideias e ações vividas pelos outros. Desta forma, esse mundo único comentado por Merleau-Ponty é ampliado pelas formas como o nosso conhecimento é afetado por outros sujeitos. Ele complementa essa informação dizendo que eu sou parte dos outros e os outros fazem parte de mim. São mundos individualizados e ao mesmo tempo unidos.

O objetivo deste artigo é discutir a unicidade de mundos e, conseqüentemente, de visões que os fotógrafos têm em seus trabalhos juntando os conceitos de fotografia e de imagem aos estudos da percepção e mimese.

A FOTOGRAFIA E A FUNÇÃO DO FOTÓGRAFO

Advinda de uma enorme mudança na sociedade em decorrência da Revolução Industrial e das mudanças da mentalidade social e científica pelo Iluminismo, a fotografia nasceu da necessidade dos artistas em gravar fisicamente as imagens fornecidas pela natureza por meio da câmara escura – sendo esta bastante utilizada pela sociedade desde o século 5 a.C. até os dias atuais. Em 1515, Leonardo da Vinci

descreveu como funcionava a câmara escura:

Quando as imagens dos objectos iluminados penetram por um furo num quarto muito escuro, receberéis essas imagens no interior do dito aposento num papel branco situado a pouca distância do furo; vereis no papel todos os objectos com as suas formas e cores. Aparecerão reduzidos no tamanho. Apresentam-se numa situação invertida, e isto em virtude da intercepção dos raios. Se as imagens procedem de um lugar iluminado pelo Sol, aparecerão como pintadas no papel, que deve ser muito fino e visto por detrás. O furo será feito numa chapa de ferro também muito fina. (SOUGEZ, 2001, p. 19-20)

Com tantos burburinhos nas áreas da química e da física, nas quais já trabalhavam com substâncias fotossensíveis e com a melhoria da óptica, a fotografia foi oficialmente inventada por Nicéphore Niépce. Em 1826, ele conseguiu fixar a imagem vista pela câmara escura em uma placa embebida em cloreto de prata, sendo esta a primeira imagem conhecida pelo mundo com o nome de Ponto de vista da janela de Gras.

A fotografia, uma das invenções que ocorre naquele contexto, teria papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística. (KOSSOY, 2014, p. 29)

Antigamente, o fotógrafo precisava ter conhecimentos densos sobre a química e a física para poder operar as primeiras câmeras fotográficas criadas pela humanidade. Entretanto, atualmente, a tecnologia avançou rapidamente, nos levando a um mundo de automaticidades, incluindo a própria câmara fotográfica, na qual só é necessário se pensar no enquadramento da imagem e não mais nas suas configurações ou na magia dentro da caixa preta.

O fotógrafo, de facto, sabe que se apontar a sua câmara para um motivo e disparar o botão de accionamento, o aparelho lhe dará uma imagem normalmente interpretada como uma réplica bidimensional do motivo que posou para a câmara. Mas o fotógrafo, em geral, não conhece todas as equações utilizadas para o desenho das objectivas, nem as reações químicas que ocorrem nos componentes da emulsão fotográfica. [...] As câmaras modernas estão automatizadas a ponto de até mesmo a fotometragem da luz e a determinação do ponto de foco serem realizadas pelo aparelho. (FLUSSER, 1998, p. 12-13)

Utilizando o Dicionário de Comunicação (MARCONDES FILHO, 2014, p. 239), a palavra imagem vem do latim *imago* e significa ser a representação visual de um objeto. Para Flusser (2015, p. 152), "Uma imagem é, entre outras coisas, uma mensagem: ela tem um emissor e procura um receptor. Essa procura é uma questão de transporte.

Imagens são superfícies."

O ato de comunicar gera automaticamente representações mentais daquilo que se comunica. [...] Com isso, compreende-se que a imagem não tem necessidade de uma superfície externa para ser gerada, ela pode ocorrer dentro do cérebro humano, que é, no caso, uma superfície ilimitada de geração de imagens. (MARCONDES FILHO, 2014, p. 239)

O MUNDO INDIVIDUALIZADO DE MERLEAU-PONTY

Maurice Merleau-Ponty é um filósofo francês que aliou "à sua formação marxista a adesão à fenomenologia de Edmund Husserl, como método de análise" (MARCONDES FILHO, 2014, p. 337). Em sua obra "Fenomenologia da percepção", se dedicou a entender como se constrói o conhecimento, por meio da percepção e a partir da corporeidade do sujeito. Mas, logo ao iniciar o capítulo sobre Sentir, ele se questiona sobre como nós percebemos.

De acordo com MARCONDES FILHO (2014, p. 375), a palavra percepção vem do latim *perceptio* e é o ato de sentir o mundo através dos órgãos do sentido. Cada pessoa é única, pois ninguém nunca está exatamente onde nós estamos, nem vendo exatamente o que nós estamos vendo, nem sentindo exatamente o que nós estamos sentindo. O mundo é único para cada um de nós, pois cada corpo reage diferente aos estímulos aos quais nos deixamos ser afetados. Os órgãos do sentido são os responsáveis pela nossa singularidade.

Uma das importâncias da fotografia descobertas imediatamente após o seu nascimento foi o seu caráter de testemunho visual; a partir deste ponto foi possível revelar culturas e hábitos antes inacessíveis, como afirma Roland Barthes (2012, p. 14) ao dizer que "o que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente". Susan Sontag (2004, p. 16), em seu livro *Sobre Fotografia*, declara que:

As fotos fornecem um testemunho. Algo que ouvimos falar mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto. [...] Uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. A foto pode distorcer; mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem.

Tendo em vista essas citações e com o foco na fenomenologia, como podemos ter certeza que essa determinada coisa realmente aconteceu? Se a minha realidade não é a sua realidade, como ditar isso como verdade incontestável? Verdade, para a fenomenologia, é o momento vivido em carne e osso. Uma fotografia representa algo que aconteceu no passado e que não existe mais, mas só existiu de fato para aquele que sentiu o "algo" ali representado.

Sentir, neste caso, não necessariamente, significa tocar, mas sim utilizar todos os órgãos do sentido do corpo. "Entendamos que o campo tátil nunca tem a amplitude do campo visual" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 302) porque só podemos tocar uma pequena extensão de objetos, enquanto o olhar vai muito além do que a área de proximidade.

Se utilizar de todas essas possibilidades de fazer o corpo sentir, faz com que a nossa percepção não seja fixa, definida e nem clara. "Assim, tomando a percepção como ponto de partida, Merleau-Ponty leva-nos a reconhecer que o nosso corpo é um permanente campo de experiências aberto ao mundo." (MARCONDES FILHO, 2014, p. 338)

Mas é importante afirmar que a percepção, que é a consciência da sensação, só pode existir se houver algo que atice essa realidade. "Minha sensação e minha percepção, diz ele, só podem ser designáveis e, portanto, só podem ser para mim se forem sensação ou percepção de algo." (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 286) E Merleau-Ponty (1999, p. 293) complementa dizendo que "Se uma sensação não fosse sensação de algo, ela seria um nada de sensação."

Sensação é a impressão dos sentidos e o corpo só percebe o mundo por meio desses sentidos. "Aquilo que chamamos de sensação é apenas a mais simples das percepções [...]." (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 324)

Essas sensações e percepções só se transformam em conhecimento se forem incorporados, ou seja, se tornem parte do meu corpo. "Sem dúvida, o conhecimento me ensina que a sensação não aconteceria sem uma adaptação de meu corpo." (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 290) O meu corpo é o meu ponto de vista sobre o mundo e o mundo é

somente aquilo existe para o homem. A percepção e o conhecimento só se efetivam a partir da individualidade das pessoas, das experiências e vivências acumuladas e desse mundo cultural particular; por isso cada um tem seu mundo singular.

Cada fotógrafo tem seu mundo único, com sua visão única e, conseqüentemente, fotos únicas. Nunca um fotógrafo poderá ter uma foto igual a de qualquer outra pessoa porque seu corpo é afetado pelos objetos e pelas ações de forma única.

A MIMESE CULTURAL DE GEBAUER & WULF

Günter Gebauer e Christoph Wulf são estudiosos alemães da filosofia e da antropologia com foco no conhecimento das pessoas em um mundo globalizado caracterizado pela diversidade cultural. Em seu livro "Mimese na cultura" eles investigam como a mimese e os processos miméticos foram entendidas em várias épocas e em vários contextos diferentes no mundo.

O conceito geral da mimese é que esta é uma ação inconsciente e que ocorre em um nível corporal. Há uma apropriação da cultura por meio da mimese, que funciona como uma "imitação" que não é perfeita, uma reelaboração das ideias/ações divulgadas por outros sujeitos. Antes de haver uma simbolização – uma produção de sentido–, a gente mimetiza, pois ela ocorre antes da cognição. Desta forma, os outros são parte do eu e eu sou parte dos outros; quase tudo é mimese, só não o EU original.

O sujeito-agente sofre influências de outras pessoas com as quais ele entrou em contato. Os outros possuem uma presença extraordinariamente efetiva no mundo do sujeito na medida em que eles lhe fornecem imagens, exemplos, modelos entre outras coisas. [...] Enquanto ele se constitui, ele é ao mesmo tempo constituído pelos outros. (GEBAUER; WULF, 2004, p. 118)

Internalizamos a cultura por meio de experiências vividas e conhecimentos adquiridos, por isso o corpo tem papel fundamental na mimese. "Os homens fazem do mundo o seu próprio com a ajuda do corpo." (GEBAUER; WULF, 2004, p. 15)

Complementando o que Merleau-Ponty afirma sobre a questão da unicidade dos mundos e que tudo isso ocorre de forma carnal e corporal, Gebauer e Wulf (2004, p. 118) afirmam que "Os outros são parte do eu. Por todo lugar existe tal relação: alguém

age referindo-se a um mundo já existente e construindo ele mesmo um mundo." Portanto, Gebauer & Wulf explicitam que os mundos estão se juntando em consequência das influências que o sujeito afeta e se deixa ser afetado pelo outro. O homem se utiliza das ideias do outro para representar no seu mundo sua criação própria.

Pensando fotograficamente, para haver a produção de uma imagem é necessário que o fotógrafo traga todo o seu conhecimento e toda a sua cultura para perto de sua câmera, assim ele garantirá que a foto sairá como desejada. Entretanto, com a globalização e esse nível tão alto de processos miméticos que sofremos atualmente, é difícil dizer que até que ponto aquela ideia é única e exclusiva.

Flusser (2008) afirma que diferentemente das imagens tradicionais, a imagem técnica não representa o mundo; elas são apenas projeções de conceitos abstratos. E Flusser (2008, p. 53) afirma também que "tudo o que o imaginador precisa fazer é imaginar as imagens e obrigar o aparelho a produzi-las. Assim, o que o fotógrafo imagina e produz com a câmera fotográfica é causa e consequência de uma troca simbólica entre os sujeitos da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o surgimento das imagens técnicas e o enorme avanço na automatização, mudamos também o nosso modo de perceber o mundo, pois a gente confia mais nos aparelhos – no que eles nos mostram e nos informam – do que em nós mesmos e no que vemos na vida real. Entretanto, antes mesmo de produzir sentindo de acordo com tais ações, mimetizamos o que nos é mostrado – pois esta reação acontece ainda no cognitivo, no inconsciente do corpo.

Unindo os estudos de percepção de Merleau-Ponty e os estudos dos processos miméticos de Gebauer & Wulf, chegamos em um ponto comum que é o uso do corpo como ponto central de atendimento dos órgãos do sentido e da "imitação". Desta forma, Gebauer e Wulf (2004, p. 15) "Os homens fazem do mundo o seu próprio com a ajuda do corpo."

E, nesse encadeamento, postula uma virada corporal da filosofia, ao apresentar a noção de "corpo como veículo de comunicação do ser

com o mundo", noção que atribui uma "significação comunicável" ao corpo e dele retira a condição de objeto do mundo, atribuindo-lhe, desde então, uma outra qualidade ao corpo, a de ser o "meio de nossa comunicação com o mundo"; não mais um objeto determinado *pelo* mundo, mas como um horizonte de nossa experiência *no* mundo. (MARCONDES FILHO, 2014, p. 337-338)

A realidade é algo construído, inacabado e turvo; cada um tem a sua própria realidade e seu próprio mundo, pois depende totalmente de como o seu corpo reage a cada ideia/ação que lhe é mostrado. "A percepção existe sempre no modo do 'Se'." (MERLEAU- PONTY, 1999, p. 322)

Levando em consideração a realidade dos fotógrafos contemporâneos da qual a globalização faz com que vejamos milhares de imagens diariamente – aumentando a quantidade de processos miméticos que sofremos e alterando as nossas percepções –, é difícil limitar essa influência e essa "imitação" de outros fotógrafos de diferentes partes do mundo, que participam de outras realidades e que têm as suas verdades individuais.

O fotógrafo se utiliza dessas imagens mentais para produzir imagens física, mas tudo isso numa relação de causa e consequência da troca simbólica que ele realiza dos objetos e sujeitos da sociedade contemporânea. Mesmo com a mimese cultural, cada pessoa tem seu mundo individual, cada fotógrafo tem a sua visão única e isso acarreta em imagens únicas também.

Entretanto, não podemos utilizar o fato as imagens serem únicas para usar como comprovante de uma realidade passada, pois o que foi para mim pode ser não sido para você; por isso fotografias são verdades individuais.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- FLUSSER, V. **Ensaio sobre fotografia: para uma Filosofia da técnica.** 3. ed. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.
- FLUSSER, V. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade.** 1. ed. São Paulo: Annablume, 2008.
- FLUSSER, V. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação.** 5. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- GEBAUER, G.; WULF, C. **Mimese na cultura: agir social, rituais e jogos, produções estéticas.**

1. ed. São Paulo: Annablume, 2004.

KOSSOY, B. **Fotografia & História**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

MARCONDES FILHO, C. **Dicionário da comunicação**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martin Fontes, 1999.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUGEZ, M.-L. **História da fotografia**. Lisboa: Dinalivro, 2001.